

MENINOS INDÍGENAS, RELAÇÕES INTERÉTNICAS E O TRABALHO NO CORTE DE CANA: A RELAÇÃO COM O DINHEIRO, COM A CIDADE E COM O PRECONCEITO

Morais, Evandro de Souza¹ (hildy-tc@hotmail.com); **CRESPE, Aline Castilho**² (alinecrespe@hotmail.com);

¹ Discente do curso de Ciências Sociais da UFGD – Dourados; PIBIC/UFGD

² Docente do curso de Ciências Sociais da UFGD – Dourados.

Esta pesquisa dá continuidade às pesquisas sobre a colonização do sul de Mato Grosso do Sul e os impactos para os grupos indígenas das etnias Guarani e Kaiowá. Desde o final do século XIX grupos destas etnias sofreram ininterruptamente com a chegada das frentes de expansão colonial. No início do século XX o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) retirou dos índios seus territórios e paulatinamente os cercou em pequenas áreas denominadas de reservas. Além de liberarem terras para colonização, a reserva concentrou em um mesmo lugar a mão-de-obra indígena utilizada pelos colonos. Os Guarani e Kaiowá trabalharam na Companhia Matte Laranjeira - na extração da erva mate - durante quase toda a primeira metade do século XX. A partir da década de 1940 serviram como mão-de-obra na derrubada das matas e abertura das fazendas. Desde 1980 os índios servem de mão-de-obra no corte de cana. Atualmente, muitos meninos indígenas (adolescentes) que vivem na Reserva Indígena de Dourados (MS) trabalham como “boias-frias” no corte da cana. Isso faz com que estabeleçam contatos mais intensos com os trabalhadores regionais e suas práticas, com o dinheiro, com a cidade e com o preconceito que marca as relações interétnicas no sul do MS. O objetivo deste trabalho foi conhecer a realidade vivida por estes trabalhadores jovens e levantar narrativas que apontassem para a experiência do trabalho no corte de cana, como estabelecem a relação com o dinheiro e com a cidade e como enfrentam o preconceito de que são vítimas, primeiro por serem indígenas, segundo, por serem “boias-frias”.

Palavras chaves: Guarani e Kaiowá; colonização; trabalho.